

Mensagem aos Paroquianos de São Nicolau e Santa Maria Madalena

Lisboa, 15 de Junho de 2023



Vítima de uma denúncia falsa, difamatória e anónima, soufriu uma gravíssima injustiça.

Completam-se no próximo dia 20 de Junho três meses da data em que o Patriarca de Lisboa determinou o meu "afastamento preventivo, também designado como proibição do exercício público do ministério".

Foi um caminho de cruz percorrido em silêncio, em sofrimento e em paz interior porque entregue, pela oração, no coração de Deus e suportado na Sua graça. Todos os dias, as palavras de São Paulo: "completo na minha carne o que falta à paixão de Jesus Cristo em favor do Seu Corpo, que é a Igreja"(Col 1,24), iluminaram, deram sentido e suavizaram a minha provação.

As situações de abuso sexual causaram demasiadas vítimas que arrastam ainda hoje consigo demasiada dor e amargura. Uma só vítima já era demasiado. A Igreja impôs tolerância zero para este cancro moral. Não juntemos a estas verdadeiras vítimas inocentes, que exigem justiça, outras vítimas também elas inocentes.

Sou uma vítima inocente de uma difamação anónima. A denúncia que, cobardemente, me atingiu, foi a de ter cometido crimes terríveis. Porém, eu não os cometi. Ainda assim, fui afastado preventivamente e sofri uma gravíssima injustiça. As provações são aliviadas pela certeza de Deus me amar e por Lhe oferecer as dores, transformando assim o enorme sofrimento em força espiritual. A ofensa deve ser reparada pela atestação da verdade.

No dia 12 de Junho, o instrutor da investigação, deu por finda a averiguação prévia e dada a inverosimilhança da denúncia, propôs ao Bispo que fosse levantado o "afastamento preventivo". Medida justa que ontem, dia 14 de Junho, foi aplicada pelo Patriarca de Lisboa.

A justiça foi reposta, mas o dano manter-se-á.

Tudo por obra de um qualquer autor de uma denúncia cobarde, feita de forma anónima e totalmente falsa. O autor dessa calúnia fica entregue ao cuidado e ao juízo misericordioso de Deus.

Enquanto vítima escolhida por esta denúncia anónima não posso deixar de reflectir nos aspectos seguintes:

A Comissão Independente recebeu e transmitiu a denúncia, fazendo de mera caixa de correio e dando ressonância à calúnia. Lavou as mãos como Pilatos, e integrou esta denúncia soez na listagem dos eventos que anunciou, de forma estridente e sensacionalista. O cenário montado e algumas intervenções públicas de membros da comissão, condicionaram os passos seguintes deste processo.

Na verdade:

A Comissão Diocesana cedeu à fortíssima pressão mediática. Não teve a ponderação exigida diante de uma denúncia anónima, difamatória e sem verosimilhança. Recomendou o meu afastamento do exercício público do ministério, insensível às consequências que daí derivariam inevitavelmente para mim.

Não pode deixar de se considerar como chocante, arrepiante mesmo, o potencial de destruição permitido a um acto mentiroso de cobardia.

Pergunto-me, amiúde, o que teria ocorrido se o caluniador tivesse visado mais 20, 30, 50 ou 100 sacerdotes, ou um ou mais bispos. Seriam todos afastados do ministério? Como poderia ser logrado este resultado apenas por alguns minutos de escrita anónima? Trata-se de um cenário assustador. Como pode gente decente ficar à mercê destas condutas?

Diante do provérbio "quem não se sente, não é o filho de boa gente", alguém me citou as palavras evangélicas: "Se alguém te bater na face direita, apresenta-lhe também a esquerda" (Mt 5,39). Ponderei se não devia seguir este conselho. Segui-lo-ia, sem qualquer hesitação, se essa nobre atitude que o Evangelho propõe ajudasse a cumprir a justiça e a repor a verdade. Como assim não é, escolhi antes seguir a atitude do próprio Jesus que diante de quem O ofende, pergunta: "Porque me bates?" (Jo 18, 22).

Compreenderão, certamente, que não me resigne perante esta enormidade e tente encontrar vias legais de reparação.

Oitenta e sete dias depois do meu "afastamento preventivo", resta-me expressar profunda gratidão.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pelo "dom e mistério" do sacerdócio que há quase 42 anos me concedeu. Agradeço por servir a santa Igreja, nesta querida Diocese de Lisboa, em comunhão com o meu Bispo. Peço a Deus pelos sacerdotes para que no exercício do seu ministério, estejam de "mãos erguidas para o céu" e de "mãos estendidas para os irmãos" a fim de sermos o que somos: "O amor do Coração de Jesus", como nos recordou o Santo Cura d'Ars.

Agradeço a todos e a cada um dos católicos que pela oração e pelos milhares de cartas e mensagens me apoiaram, de mais perto ou longe, ao longo desta minha "via-sacra".

Agradeço à minha família pelo seu amor e por tudo o que tiveram de passar.

Agradeço aos muitos amigos de tantas idades e de tantas realidades que me acompanharam ao longo destes quase 42 anos de padre: crianças, adolescentes, jovens, adultos e mais velhos; escutismo, pré-seminário, pastoral das vocações, paróquias, colégios, hospitais, movimentos, grupos de jovens, grupos litúrgicos, colaboradores pastorais, equipas de casais, irmandades, centros sociais, lares e outras instituições de solidariedade, Acege, "Cristo na empresa",

serviços diocesanos, ex-residentes, voluntários da caridade, paroquianos de ontem e de hoje, e de tantos católicos e pessoas de boa vontade com quem me cruzei no exercício do meu ministério.

Agradeço as orações e as mensagens de muitos bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas de comunidades de vida activa e clausura e de inúmeros seminaristas.

Agradeço às famílias as suas orações diárias, às pessoas em sofrimento ou doentes que ofereceram as suas dores por mim, aos pobres que me manifestaram solidariedade, às pessoas que na igreja, rua, café, lojas, supermercado, livraria, barbearia... me cumprimentavam dizendo: "estou consigo", "rezo por si", "a sua bênção".

Agradeço aos estudantes, aos residentes na paróquia, aos jovens profissionais, empresários, gestores, advogados, médicos, psicólogos, psiquiatras, professores, sacerdotes, articulistas, diplomatas, economistas, funcionários públicos, políticos e a tantas outras pessoas de cultura e de variados estratos sociais que em mensagens pessoais, entrevistas, artigos em órgãos de comunicação social e em publicações nas redes sociais me defenderam.

Finalmente agradeço ao advogado que me acompanha na minha determinação inabalável de ver a justiça prevalecer.

A todos e a cada um, quero simplesmente dizer: muito e muito obrigado!

Estimados paroquianos e amigos quero informar-vos que recomeçarei a celebrar publicamente nas missas do dia 18 de Junho, XI Domingo do Tempo Comum.

Unidos na oração, peço sobre vós, por intercessão de São Nicolau e de Santa Maria Madalena, a bênção de Deus.

Pe. Mário Rui Leal Pedras